

MULTIMODALIDADE E COERENCIA TEXTUAL: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS POR MEIO DAS CHARGES

Aucélia Vieira Ramos(UFPI)¹
auceliaramos@hotmail.com

Introdução

As diversas manifestações da linguagem multiplicam-se a cada dia. As necessidades comunicativas evoluem na medida em que se (re) formulam as “maneiras” de comunicação.

A linguagem se revela cada vez mais heterogênea tanto em “formas” como em conteúdo. Estamos envolvidos em um universo textual que exige de nós a compreensão não apenas de frases, mas também de tudo que envolve a construção desses textos, desde as estruturas linguísticas às intenções do produtor.

A construção de sentidos mobiliza vários conhecimentos. O mobiliário de cada falante contribui para a formulação de significados, visto que os conhecimentos de mundo são articulados para cada nova interpretação.

Dentre as possibilidades de comunicação, a linguagem verbal sempre acompanhou o homem. Através das relações face a face, estabelece-se comunicação com o outro, porém, esta não é a única forma de comunicação. Com o advento da escrita, o texto trouxe inovações, dificuldades e também novas possibilidades de conhecer o mundo que nos rodeia.

A semiótica verbal e a imagem têm sido bastante utilizadas nos estudos sobre linguagem. As charges, nesse contexto, ocupam um lugar bem significativo. Com a finalidade de promover humor retratando temas do cotidiano de cada lugar, esse gênero tem se revelado como um objeto de estudo rico em situações na construção dos sentidos no uso da língua.

Tomando como foco de análise de charges sob a ótica da Linguística Textual, o objetivo principal do estudo é analisar as relações estabelecidas entre o conceito de multimodalidade e coerência textual no processo de construção de sentidos das charges.

Para fazer a leitura dos sentidos presente nas charges, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e de análise documental (charges), analisadas sob a perspectiva da teoria da Linguística Textual, focando o conceito de coerência textual de Charolles (1987), Koch e Elias (2003) e de multimodalidade defendido por Idema (2003). O *corpus* é constituído por três charges retiradas de um *blog*, disponíveis no endereço www.chargesdoedra.blogspot.com.

1 Elementos Constituintes da Multimodalidade e Coerência Textual: Implicações Teóricas

A língua, enquanto sistema simbólico social, traduz a realidade e o pensamento dos homens. Sob uma visão estruturalista da língua, esta premissa seria incontestável. Observa-se que, ao fazermos uso da língua, não permanecemos apenas no nível de sentenças, mas construímos textos. Sobre esta ideia, Benveniste afirma que “com a frase, saímos do domínio da língua como sistema de signos e entramos em um outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso” (BENVENISTE, 1966, p. 129-130 apud APOTHÉLOZ, 1995).

Reverendo a história da comunicação, vemos que a linguagem verbal sempre acompanhou o homem. Com o advento da escrita, o texto trouxe novas possibilidades de conhecer o mundo que nos rodeia. Entretanto, se até o século XIX as relações inter-humanas ainda se estabeleciam primordialmente pela comunicação face a face, especialmente pela limitação dos meios de comunicação daquela época. A esse respeito, Mayer (2001) nos diz

¹ Aluna regular do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

que o signo verbal sempre foi, por séculos, o principal formato de apresentação de mensagens instrucionais.

A partir do século XX, entretanto, estabelecem-se outras formas de comunicação com o surgimento de artefatos tecnológicos como o telefone, o cinema, a TV e o computador. Passamos então a enxergar o texto como um produto que vai além da manifestação escrita da linguagem. Imagens, dentre outros elementos visuais e audiovisuais, passaram a integrar a estrutura textual. No texto impresso, por exemplo, imagens e escrita colaboram entre si para a transmissão dos significados do texto. Essa associação de linguagens (verbal, imagens) caracteriza o conceito de multimodalidade, entendida por Idema (2003) como os diferentes modos de representação: imagens, música, gestos, sons etc., além de elementos lexicais, nas análises de textos. Assim, a multimodalidade é um reconhecimento de que a língua não é o centro da comunicação, pois os gestos e a fala co-ocorrem, a língua e a imagem trabalham juntas (KRESS, 1996; VAN LEEUWEN, 1998), e, ainda, a imagem, a língua e o som são coordenados.

A mera designação do mundo pelo homem por meio da linguagem não contempla mais as pesquisas sobre as relações estabelecidas entre língua e texto. Nesse contexto, a linguagem se revela cada vez mais heterogênea tanto em “formas” como em conteúdo. Estamos envolvidos em um universo textual, que exige de nós a compreensão não apenas de frases, mas também de tudo que envolve a construção desses textos, desde as estruturas linguísticas às intenções do produtor.

Esse processo caracteriza-se pela busca da coerência textual, ou seja, pela construção de sentidos. Dessa forma, Charolles (1987) enfatiza que a coerência, ou seja, a construção de significados, está estreitamente ligada ao interpretador que recebe o texto e busca interpretá-lo e que, para isso, usa diversos conhecimentos, dentre eles conhecimentos linguísticos e conhecimentos de mundo.

Igualmente, para Koch (2002), as atividades de leitura e a construção de sentidos mobilizam vários conhecimentos e estratégias. O mobiliário de cada falante contribui para a formulação de significados, visto que o processamento textual articula informações armazenadas na memória para cada nova interpretação. A autora afirma, ainda, que, para a realização do processamento textual, recorremos principalmente a três sistemas de conhecimento: o primeiro seria o conhecimento linguístico, que abrange os aspectos gramaticais e lexicais, facilitando a compreensão do material linguístico presente na superfície textual e permitindo remissões; o segundo seria o conhecimento enciclopédico ou de mundo, que se volta a informações do mundo, conhecimentos pessoais e vivências; e, por fim, o conhecimento interacional que se refere às formas de interação por meio da linguagem.

Hoje em dia, vivemos em culturas que são cada vez mais permeadas por imagens visuais, imagens que, como qualquer texto, têm uma variedade de intenções e efeitos programados e com as quais, diariamente, praticamos o olhar para tentar entender o mundo.

As imagens fazem parte de quase todos os textos que usamos diariamente, quer seja no campo pessoal, profissional ou acadêmico. De acordo com Kress (2000, p. 337), “agora é impossível compreender os textos, até mesmo as suas partes linguísticas somente, sem ter uma ideia clara de como esses outros elementos [imagens] podem estar contribuindo para o significado do texto”.

Definindo charge como gênero discursivo textual, Bakthin (1992) afirma que gêneros textuais devem ser entendidos como formas de ação sociais relativamente estáveis. Consoante Marcuschi (2002, p. 29), “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. Os gêneros ocorrem em situações particulares porque estão inseridos no contexto histórico-espacial em que se realizam.

A presença quase que total de imagens nos mais variados textos e os processos envolvidos na construção dos seus significados sempre nos provocaram curiosidade. As charges são entendidas como um gênero que traduz claramente a integração entre verbal e imagético e possui singularidades no processo de produção e recepção desse texto.

Nelas, a língua não deve ser vista como um sistema simbólico em si, pois, assim, atribui-se a elas o caráter totalmente voltado para estruturas linguísticas; nem muito menos como um simples instrumento de comunicação.

A noção de texto/discurso vai acompanhar a concepção de língua como um processo interacional onde é possível construir sentidos mediante o seu uso e percebê-la não apenas como representação de “objetos de mundo”, mas de “objetos de discurso” (MONDADA; DUBOIS, 1995).

Os vários atos de se comunicação caracterizam as ações humanas. Os gestos, os símbolos e por fim a linguagem, materializada na língua enquanto sistema trouxe uma necessidade maior de interpretação, compreensão. Construimos novos significados em cada uso real da língua.

A formulação de sentidos se realiza em atividades discursivas. O discurso provém de enunciados, atos de fala postos em uso e atualização pelos interlocutores. Benveniste (2008) reafirma a premissa acima ao dizer que a “enunciação é colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização”. Assim um “eu” cria e recria novos sentidos, pois o eu atribui referência àquele que como eu se propõe.

Com base nessa concepção de Benveniste percebemos que o processo de comunicação é realizado através da interação entre os interactantes por meio de um processo cognitivo-inferencial. Assim só a “etiquetagem”, a designação de tudo que nos rodeia, como objetos-de-mundo, é insatisfatória para a formulação de sentido.

Nesse momento devemos observar o esclarecimento das noções de referência e referenciação. O processo de referência aborda uma concepção construtivista, pois a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não é um simples processo de elaboração de (re) construção do real (MONDADA; DUBOIS, 1995).

Marcuschi (2005) afirma este pressuposto ao defender que “a maneira como dizemos aos outros as coisas é muito mais decorrência de nossa atuação discursiva sobre o mundo”. Assim há uma inserção sócio cognitiva no mundo pelo uso de nossa imaginação em atividade de ‘integração conceitual’, do que um simples processo de representação do real.

A transcrição ocorrida entre o representacionismo e a referenciação perpassa também a substituição da expressão e da ideia de referência por referenciação. Como resultado desta necessidade de entender como se dão os processos de (re) construção da realidade Koch (2002) postula que “a maneira como vemos o real não coincide como o real”. O que ocorre é uma reelaboração dos dados, não de maneira aleatória mais obedecendo a condições sociais, culturais, históricas do uso da língua.

O texto é o próprio lugar de interação e se concretiza no gênero textual. As relações estabelecidas entre o verbal e o imagético demonstram a importância dos diversos usos que fazemos da linguagem. Nesse contexto, as charges ocupam um lugar bem significativo. Com a finalidade de promover humor retratando temas do cotidiano de cada lugar, esse gênero tem se revelado como um objeto de estudo rico em situações de uso da língua.

2 As Charges e a Construção de Sentido

A charge é um gênero textual, é uma ação social localizada num contexto específico. É produzida com a função de expor uma opinião crítica com base humorística. Insere-se num processo em que o produtor está imbuído do papel social de jornalista opinativo e cartunista, integrado ao cotidiano de sua profissão e acompanhando as notícias do dia a dia.

Assim, ele produz seu texto, repetindo uma estrutura social, a qual, justamente por isso, será compreendida como charge. Essa reprodução, no entanto, não é estática, pois os agentes, ao mesmo tempo em que são manipulados pela “máquina” social, também a movimentam.

Assim, as charges caracterizam a Nova Retórica, que define gênero como ação social. Dessa forma, citamos Bunzen (2004), o qual afirma que os gêneros passam a ser definidos como ações em resposta a contextos sociais recorrentes numa determinada cultura, deixando de ser compreendidos como tipos de texto com suas regularidades linguístico-textuais. Isso não quer dizer, entretanto, que os elementos textuais são ignorados, mas são observados sob outro ângulo.

3 Análise do *Corpus*

A análise do *corpus* partiu da observação das charges, dos seus elementos constituintes e das relações pertinentes para o processo de construção dos sentidos. Observemos esta assertiva analisando a charge abaixo:



Figura 1: Minha casa, minha vida.

Fonte: www.chargesdoedra.blogspot.com

Na análise da charge acima, percebemos que a sua temática é composta por um assunto da vida política dos brasileiros. A abordagem do tema remete a uma crítica a um programa de habitação do Governo Federal. Ao associar os signos verbais com as imagens, percebemos que a crítica se configura e que só somos capazes de compreendê-la porque temos conhecimento da ação social, da temática. Percebe-se, todavia, que se o leitor não possuir conhecimento do tema, não conseguirá atribuir o sentido real da charge. No exemplar acima, o locutor pressupõe que o leitor tenha conhecimento do assunto abordado, podendo, dessa forma, estabelecer significado.

Assim podemos associar a construção de sentidos da charge a referenciação na medida em que, como afirma Ilari (2005, p.123), “todo locutor constrói sua fala (seu texto) a partir de uma avaliação da capacidade de interpretação do interlocutor, e da maneira como este reage às informações que são transmitidas pelo textop escrito ou falado”. Especificamente sobre a referenciação entende-se que as antecipações feitas pelo enunciador, visam o estabelecimento de referentes sujeitos a aceitação dos interlocutores que reagem as informações transmitidas na charge por meio da mobilização do seu conhecimento de mundo.

Trata-se, portanto, de uma negociação indireta, ou seja, de uma anáfora indireta possível pela mobilização de esquemas mentais, ou seja, de informações implícitas

armazenadas na memória do leitor. Nessa charge temos como âncora as informações presentes na memória do leitor que permitem a interpretação do conteúdo transmitido, que corrobora o que afirma Koch (2003, p.110) “A interpretação de cada anáfora indireta desencadeia, portanto, um processo de estabelecimento de relações semânticas ou conceituais”. Observemos, agora, outra charge:



Figura 2: Horário Eleitoral Gratuito.
Fonte: www.chargesdoedra.blogspot.com

A presença da linguagem verbal e da não verbal mobilizam conhecimentos inferenciais do leitor e provocam uma leitura não linear². A compreensão da charge se dá pela associação de diferentes linguagens que são ativadas (inferências, remissões) e saem de uma leitura linear. Observemos a importância da multimodalidade na constituição de sentido da charge. A imagem da TV, sem a linguagem verbal, dentro de um vaso sanitário, nos traz a ideia de que o aparelho de televisão em si não funciona. Por outro lado, ao inserirmos na interpretação as palavras escritas na tela da TV, vemos que o que de fato é dito como algo “ruim, descartável” e, portanto, deve ser desprezado, é o horário eleitoral gratuito.

Como é retratado um tema recorrente – a política – a charge analisada cumpre o seu papel social por apresentar uma crítica clara ao horário eleitoral, evidenciando a opinião de muitas pessoas em relação a esse tipo de programação.

Ainda sobre a charge em questão, temos um novo olhar sobre os limites entre os papéis da linguagem, da imagem, do desenho etc. A charge em análise enfatiza a ideia defendida por Kress (1996) e Van Leeuwen (1998), de que a língua e a imagem trabalham juntas. Trata-se, portanto, como afirma Gomes (2010, p. 36), “de compreender o sentido como relação entre as linguagens, como um processo de ressignificação”.

Nesse contexto, observamos que as charges que circulam tanto em mídia impressa como no meio eletrônico são hipertextos³, tendo em vista que utilizam processos similares de compreensão. Uma inovação são as charges animadas que trazem “pistas” ricas para a interpretação de seu conteúdo. Mais uma vez, retoma-se o conceito de multimodalidade bem representado pelo gênero em estudo, na medida em que as charges utilizam diferentes modos de representação: imagem, músicas, sons etc., além dos elementos lexicais, nas análises dos

² Entende-se leitura não linear como aquela que mobiliza vários conhecimentos do leitor, por possuir elementos e linguagens diferentes.

³ Segundo Koch (2003, p. 63), hipertexto é “uma forma de estruturação textual que faz do leitor, simultaneamente, um co-autor do texto, oferecendo-lhe a possibilidade de opção entre caminhos diversificados, de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema.

textos e através de uma leitura não contínua, ou seja, da ativação de *links*⁴ cognitivos, ou seja, a mobilização dos mais diversos conhecimentos do leitor para a construção do significado.

Assim, percebe-se que através da ativação de conhecimentos prévios, de mundo somos capazes de compreender os sentidos de um texto, pois, para a produção de sentido do texto, é preciso que o leitor ative conhecimentos previamente constituídos e armazenados na memória (KOCH; ELIAS, 2009).

A coerência textual é vista para Charolles (1983) como “um princípio de interpretabilidade do discurso: sempre que for possível aos interlocutores construir um sentido para o texto, este será, para eles nessa situação de interação, um texto coerente”. Por meio da observação da charge seguinte observaremos as relações estabelecidas entre: o hipertexto, a multimodalidade e a coerência.

De acordo com Beaugrande e Dressler (1981 apud KOCH; TRAVAGLIA, 2011), “a base da coerência textual é a continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões linguísticas do texto e que deve ser percebida tanto na codificação (produção) como na decodificação (compreensão) dos textos”.



Figura 3: Largada.
Fonte: www.chargesdoedra.blogspot.com.

Observando as relações estabelecidas entre a charge e o nosso conhecimento de mundo, temos claramente a leitura e compreensão de um hipertexto. Este se configura a partir do entendimento de que o hipertexto é uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que estabelece diálogos com outras interfaces semióticas e adiciona e condiciona à sua superfície outras formas de textualidade (XAVIER, 2005). A charge, portanto, caracteriza bem esta noção ao analisarmos que a imagem consegue através das inferências às fábulas, dar pistas ao leitor pra a busca do entendimento do texto.

Retomando o processo de construção dos sentidos dos textos, ilustramos que todo texto tem algum grau de coerência, cujo cálculo só depende da capacidade de recuperação do sentido pelo leitor do texto (CHAROLLES, 1987).

Vale ressaltar que a construção da coerência textual, como defende Elias (2009), está nesse exemplo diretamente ligada aos conhecimentos enciclopédicos do leitor. A presença de imagem e linguagem verbal na charge em estudo demonstra que uma não depende necessariamente da outra para a construção do sentido. Na verdade, o sentido só será “concretizado” de fato através das inferências que o leitor vai promover.

⁴ *Links* são vistos como elementos constitutivos do hipertexto referentes a informações e relações textuais estabelecidas pelo leitor (BRAGA, 2005).

Os elementos presentes na superfície textual, as imagens caracterizando personagens de fábulas, a faixa escrita largada e os candidatos à eleição da presidência da república são aliados a todos os elementos do contexto sociocognitivo mobilizados na interlocução o que configura a construção dos sentidos e caracteriza a referenciação feita por meio de esquemas mentais. Temos, também, na composição da charge, a relação semântica estabelecida pelo sintagma nominal “largada” que configura a ideia de que os personagens irão participar de uma corrida, que aqui se refere à presidência do país.

A imagem vai possibilitar ao leitor ativar *links*, caminhos que o levem à interpretação. Ao observar o vestuário das personagens e identifica-los como pessoas do meio político do nosso país conseguiremos, por fim compreender que trata-se da corrida pela Presidência da República e que a personificação de cada candidato possui relação direta com sua situação na campanha.

Conclusão

As charges, enquanto gênero textual, constroem sentidos e estabelecem relações através dos conteúdos ou discursos neles veiculados. Esses significados se concretizam através da linguagem, quer seja verbal, quer seja não verbal. Em outras palavras, todo o arranjo visual disposto em determinado gênero textual (cores, imagens, tipos e tamanhos de fontes, formatação) e mesmo o comportamento de uma pessoa (gestos, entonações, expressões faciais) durante uma conversa, por exemplo, podem ser compreendidos como multimodalidade.

Assim, as análises nos levaram a concluir que as charges são textos que expõem de algum modo às relações entre a sociedade e o que ela representa. Por veicularem essas relações, exemplificam bem os processos de coerência e da multimodalidade tanto na produção quanto na recepção de um texto, configurando, dessa maneira, o processo de referenciação, que defende que a construção de significados não se dá por mera representação das coisas, mais por cadeias associativas de elementos intra e extralinguísticos, que compõem a interpretação, a significação.

Nesse sentido, percebemos a importância da mobilização de vários conhecimentos do leitor que se fazem necessários para o entendimento das diversas linguagens que nos cerca. Corroborando com Dionísio (2011), sabemos que a atualidade exige um letramento capaz de atribuir sentidos, significados a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem. A multimodalidade se revela relevante porque requer uma postura não apenas de decodificador de palavras, tendo em vista que atribuir sentido a textos e entender o mundo de maneira real.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BUNZEN, C. O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna. Disponível em < C:\Documents and Settings\user\Desktop\Mestrado\Análise de Gêneros\Letramento do Professor.htm> Acesso em: 20/08/2012.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: Os Sentidos do Texto**. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. London: Routledge, 1996.

MAYER, R. **Multimedia learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. São Paulo: Lucerna, 2007.

XAVIER, Antônio Carlos. **Leitura, texto e hipertexto**. In: MARCUSCHI & _____(orgs). **Hipertextos e Gêneros Digitais**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.